

XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

Tema central:

**Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes
colaborativas no contexto da pandemia**

22 a 24 de junho de 2021, online

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – **FAAC**
Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Prática educacional de produção de videoclipe: Juventude da Floresta
amazônica em interação para a cidadania ambiental¹**

Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira²
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa

Introdução

A degradação florestal é um dos principais problemas que afetam o bioma amazônico e, é um tema que encontra eco nas vozes de celebridades do mundo artístico, que têm apoiado causas em defesa da Amazônia, a exemplo do líder Caiapó, Raoni, que no final dos anos 80, ganhou apoio do cantor britânico Sting, que o levou para uma turnê por diversos países e fez com que sua luta fosse reconhecida internacionalmente. (MARTINS et al. 2019).

Com trajetória de luta relacionada à reforma agrária, o líder seringueiro Chico Mendes, morto em 1988 no Acre, tem seu nome associado à luta em defesa da Amazônia. Ambas as atuações estão na base da discussão levada a efeito na Oficina objeto de análise deste trabalho, sobre o protagonismo juvenil, orientada por uma questão sobre a dimensão da cidadania comunicativa:

¹ Trabalho apresentado no **GT4 – Práticas Profissionais e Formação Cidadã em Comunicação** da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação.

² Comunicóloga, Mestre Extensão Rural. Pesquisadora da Embrapa-Rondônia. E-mail: vania.beatriz@embrapa.br.

“Quem está presente nos relatos audiovisuais cotidianos e quem foi excluído?” (OROSCO GOMEZ, 2014, p.99), questão esta, que extrapolamos para: “quem está presente nas narrativas literomusicais que versam sobre o cotidiano das pessoas, em particular os jovens, em relação ao ambiente natural e seus recursos?”

No campo educacional, uma das estratégias para o enfrentamento dos problemas ambientais na Amazônia brasileira tem sido a busca pelo engajamento da juventude, para que, pela participação social, possa fazer frente as ameaças à existência das gerações futuras. A participação da sociedade vem sendo requerida e viabilizada em diversos espaços de acesso ao cidadão comum, como as audiências públicas. Com relação à juventude inserida nos espaços educativos, as Comissões de Qualidade de Vida da Escola (ComVida), conferências, fóruns e congressos acadêmicos, são espaços de participação que estimulam os estudantes de nível Fundamental e Médio e os acadêmicos de instituições de ensino públicas e privadas, a se inserir nos debates e incorporar no seu agir cotidiano ações em prol da sustentabilidade ambiental, como iniciado na implementação Agenda 21 e atualmente quando ocorre o chamamento para uma mobilização planetária visando a implementação dos Objetivos e Metas da Agenda 2030.

A prática educomunicativa de Produção Coletiva de Videoclipes Ambientais (PCVA) foi desenvolvida e vem sendo aplicada em espaços educativos, formais e não formais, com o objetivo de promover a discussão sobre o manejo sustentável dos recursos florestais e a ação-cidadã. Neste contexto, foi produzido o videoclipe “Txai da Amazônia” (OLIVEIRA e MALHEIROS, 2016) em Oficina realizada com acadêmicos de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Amapá (Unifap) e alunos de duas Escolas Famílias Agrícolas (EFA) do município de Mazagão (AP). O evento fez parte da programação do 1º Encontro da Juventude da Floresta, Educação do Campo e Agroecologia, em agosto de 2016.

Neste trabalho faz-se o relato desse experimento, apresentando os procedimentos e discutindo as relações entre mídia, juventude e cidadania. A Oficina teve por objetivo promover reflexões sobre a relação homem x natureza e a conservação aliada ao desenvolvimento. A análise desse experimento contribui para o processo de validação desta prática, que se caracteriza como uma Tecnologia Social Educativa, que articula a percepção ambiental dos jovens com o discurso literomusical ecológico, com a finalidade de educomunicação socioambiental, em ambiente formal e não formal de ensino, tendo como elemento de base para as discussões o discurso literomusical de artistas amazônidas.

Referencial Teórico e Procedimentos Metodológicos

A produção literomusical com temática ambiental, ao abordar aspectos do cotidiano do cidadão, aporta argumentos para o processo educativo, cujas inferências podem ser relacionadas aos

elementos da natureza, bem como à ação de atores sociais de atividades produtivas (agropecuária, mineração), apontadas como grandes responsáveis pela degradação dos recursos naturais. O uso de canções em práticas educativas tem sido recomendado para sustentar discussões, promover reflexões em relação a crenças e valores, estimular a ação-cidadã. (FERNANDES e OLIVEIRA, 2020).

A produção coletiva de videoclipes se fundamenta em um processo dialógico de comunicação e interação em grupo. A metodologia se sustenta em três pilares: (1) a oficina como o lugar de interação, de contrato de comunicação e elaboração de um novo discurso; (2) o discurso da música amazônica para estimular a discussão e a reflexão sobre a temática ambiental; e (3) a percepção ambiental dos participantes da mesma, situados no contexto sócio histórico de mobilização da sociedade para a ação-cidadã a partir da compreensão de como e para que “se faz ciência”, e qual a sua aplicabilidade no dia-a-dia do cidadão comum. (OLIVEIRA, 2010).

Em síntese o propósito é, a partir do discurso literário/ecológico da canção, refletir sobre o fazer científico, neste caso representado pelas ações de pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, do campo das Ciências Florestais e da Ciência da comunicação; e a ação-cidadã dos jovens participantes do processo interativo que, como representantes de importante segmento da sociedade, são levados a responder a questão sobre o que podem fazer para minimizar os impactos ambientais sobre os recursos naturais, que interferem no cotidiano dos cidadãos.

Os procedimentos desenvolvidos na Oficina compreendem basicamente três etapas, desenvolvidas em três dias consecutivos, com uma carga horária total 12 horas. Na primeira etapa foi feita a audição e análise textual da letra da música, sendo registradas as inferências que os participantes fazem, estrofe a estrofe, percepções estas que são levadas para a segunda etapa que é a construção da narrativa audiovisual, quando se associa o discurso ambiental às imagens que compõem o videoclipe que é editado na terceira e última etapa da oficina. Na análise da música observa-se as fases definidas por Bardin (2009:121p.) para a análise de conteúdo: 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

Foi utilizada a música “Doce Esperança” (SOUTO e AMARAL NETO, 2012), artistas acreanos. Uma canção que aborda problemas socioambientais relacionados às florestas (queimadas, desmatamento) e o protagonismo da juventude. A música foi criada especialmente para participar do XVI Festival da Canção de Itacoatiara (Fecani 2000), no Estado do Amazonas, sendo vencedora, na categoria Melhor Canção com Temática Amazônica.

Resultados e discussão

A música está estruturada em sete estrofes. A rodada inicial de discussão se deu a partir dos versos da primeira estrofe da canção e da questão: “Quem é o Txai curumim?”.

Estrofes da música Doce Esperança (Sérgio Souto e Amaral Neto)		
Estrofe 1		
Um Txai curumim / lá na beira do riacho / vai varejando ao leu de mãos dadas com as estrelas/ embalado pela lua cheia/ esperando o dia acender.		
Estrofe 2	Estrofe 3	Estrofe 4
Adorada terra minha / da pele cor de esmeralda / de rios turvos e claros / que no meu peito desagua.	Verdejante terra minha / mãe divina e abençoada mesmo triste tu tens brilho / mesmo em chama tu me afagas.	Crescem feridas tão grandes den- tro do matagal / motosserra, serra tronco, serra gente / Fúria animal
Estrofe 5	Estrofe 5	Estrofe 7
Corre o fogo incendiando sonhos / chaga imoral arde a terra, a terra sente sem a vida e sem mineral.	A cobiça aventureira dizimando os quintais / faz cair por terra / ouro branco dos seringais.	o que ainda é verde/ um dia poderá não ser mais / sem as águas, sem as matas / nem que seja tarde de- mais

O objetivo desta pergunta foi colocar em discussão a compreensão da identidade do personagem principal da narrativa. Não obstante a linguagem poética, os participantes inferiram que seria alguém em conexão com a lua e estrelas, alguém em conexão com a natureza. Curumim, seria um jovem, uma vez que é desta forma que as crianças são designadas, em aldeias indígenas. A significação do termo Txai apresentada aos participantes, foi a encontrada em um depoimento do cantor Milton Nascimento, sobre sua primeira excursão à Amazônia em 1982, e que resultou na gravação de um álbum denominado TXAI.

A palavra tem origem na linguagem dos índios Kaxinawá, é usada tradicionalmente como forma cumprimento/saudação para demonstrar carinho e respeito entre os homens: “Companheiro, a outra metade de mim.” Para as mulheres, é usada uma palavra similar, algo como txai-ta. (BALBIO, 2019, sp.). Outra significação mencionada pelo músico seria uma tradução literal do termo, significando: “mais que amigo, mais que irmão, a outra metade de mim”. O debate os levou a questionar quem seriam os novos líderes (txais curumins), capazes de dar a vida pela causa ambiental.

Nas demais estrofes foram identificadas referências implícitas à floresta amazônica, tendo como signo a cor verde, (“pele cor de esmeralda”, “verdejante terra”), ao desmatamento (“feridas tão grandes dentro do matagal”) e às queimadas (“mesmo em chamas”, “arde a terra”), Estes signos foram expressos na narrativa audiovisual por vezes de forma literal e por outras de forma implícita e diretamente relacionada à realidade dos participantes, uma vez que compartilharam imagens de arquivos em seus celulares, que foram inseridas no videoclipe. Como exemplo, imagens de “curu-

mim” sobrepostas pelo título atribuído ao videoclipe: “Txai da Amazônia”, crianças em canoas, em um rio de água barrenta, interagem, nadando e fazendo uma brincadeira que é faz parte do cotidiano de comunidades ribeirinhas, dar saltos no rio fazendo cambalhotas, uma demonstração de interação com a natureza.

Dentre as inferências destacamos a associação das imagens de Chico Mendes e Irmã Dorothy, como personalidades reconhecidas por suas lutas em defesa da Amazônia, portanto seriam Txais. Ao mesmo tempo se constatou a dificuldade dos participantes da Oficina em identificar personalidades jovens que estivessem desempenhando o papel de um Txai curumim. Um dos argumentos partilhados pelo grupo é que o desempenho desses “heróis” está ameaçado de desaparecimento, diante da contínua violência no campo atingindo mortalmente as lideranças ambientalistas, sobretudo os indígenas.

Nas mídias e mesmo nos debates acadêmicos sobre educação ambiental, os impactos ambientais na região amazônica, têm sido abordados sob perspectiva maniqueísta, que divide as posições ecologistas, genericamente, em “gente do bem” x “gente do mal”, de acordo com o comportamento em relação às boas práticas da cidadania ambiental, sendo esta entendida como o conjunto de condições que possibilitem ao ser humano atuar na defesa da vida.

Dentre os produtos de comunicação elaborados para repercutir mensagens que visam a sensibilização para as questões ambientais, os vídeos (videoclipes) estão sendo cada vez mais utilizados, sobretudo em razão da facilidade de acesso aos recursos tecnológicos de produção e difusão deles, com baixo custo e até gratuitamente, em diversos suportes. Entretanto, considerando as controvérsias presentes na comunicação ambiental, frequentemente centrada num ponto de vista, no qual se tem de um lado os defensores do meio-ambiente como pessoas “do bem” e os predadores como “do mal”, torna-se muito mais desafiante produzir videoclipe ambiental em uma linguagem visual, que se desvie dessa abordagem maniqueísta e alcance os objetivos desejados, que neste caso é a sensibilização do cidadão, de modo a motivá-lo para agir com responsabilidade ambiental, bem como auxiliar na construção de um novo discurso ambiental, a partir de reflexões coletivas.

Em conclusão a este relato, retomamos a questão inicial sobre quem são os personagens presentes e os excluídos nos relatos audiovisuais cotidianos. Em se tratando do cotidiano da floresta, muitas vezes estão excluídas as legítimas vozes dos atores locais. Esta é a principal lacuna que esta prática educomunicativa busca preencher ao estimular a juventude da floresta a refletir sobre sua realidade local e a expressar em narrativas audiovisuais. Com o enfoque na Comunicação dialógica e coprodução, a prática proporciona o debate e a compreensão dos problemas ambientais, bem como o engajamento da juventude nas lutas em defesa da Amazônia. As inferências resultantes do diálogo, entre o discurso literomusical e o cotidiano dos jovens, colaboram para validação da prática para a cidadania educativa e ambiental.

Palavras-chave: Amazônia; Cidadania Ambiental; Educomunicação; Música; Videoclipe.

Referências bibliográficas:

BALBIO, M. Floresta é coisa pra se guardar: em depoimento exclusivo, Milton Nascimento fala de sua paixão (e suas expedições) pela Amazônia. O Globo, Boa Viagem, p. 1-2, 8 a 13. Ed. 14, mar 2019. In: https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/48811_20190314_135658.PDF. Acesso em: 04 dez. 2019.

FERNANDES, C. V. S.; OLIVEIRA, V. B. V. Análise de conteúdo de temática ecológica em canções que expressam os elementos: água, ar, terra e fogo. In: SEABRA, G. (Org.). Educação ambiental: o desenvolvimento sustentável na economia globalizada. Ituiutaba, MG: Barlavento, 2020. p. 867-878.

MARTINS, S. ; GHIROTTI, E. ; ZYLBERKAN, M. Edição de 4 out 2019, 06h00 , Disponível in: <https://veja.abril.com.br/politica/sting-nobel-a-raoni-seria-resposta-a-lideres-que-negam-ameaca-ambiental/>. Acesso em: 04 dez.2019.

OROSCO GOMEZ, G. **Educação:** recepção midiática, aprendizagens e cidadania. / Guillermo Orosco Gómez; [tradução Paulo F. Valério] - São Paulo: Paulinas, 2014. - (Coleção educomunicação).

SOUTO, Sérgio e AMARAL NETO. **Doce Esperança**. In: CD. Sergio Souto no Mundo, 2012.

OLIVEIRA, V.B.V e MALHEIROS, F. **TXAI da Amazônia**. Videoclipe. Produção coletiva. Finalização: Francisco Malheiros e Vânia Beatriz Oliveira. Ano, 2016. Disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=IzrKzB18UMc&t=2s>

OLIVEIRA, V. B. V. Metodologia de produção de videoclipes com uso de música amazônica para Educomunicação científica e ambiental. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2010. (Embrapa Rondônia. Doc. 139).